

## 4. O IMAGINÁRIO ANTIGO E MEDIEVAL

### 4.1. A “(RE)DESCOBERTA” DO ORIENTE

Ao mesmo tempo em que a Europa do “(Re)nascimento” artístico e cultural italiano “(re)descobria” o Mundo greco-romano, os ibéricos “(re)descobriam” um outro Mundo, o do Oriente, um mundo de civilizações tão antigas e ricas quanto as da Antiguidade Clássica da Grécia e Roma.<sup>1</sup> Mas essa descoberta “humanista” foi vista de modo ambíguo, porque a mentalidade medieval não reconhecia outros valores que não os do cristianismo, e dos antigos gregos e romanos. Já havia um intercâmbio entre o Ocidente e o Oceano Índico, mercadores e missionários já haviam chegado às suas margens. Porque, então, a Europa da Idade Média desconhecia a realidade das “Índias”? Porque o Oceano Índico era um oceano fechado, fechado aos cristãos, fechado pelos árabes, pelos indianos, pelos chineses e pelos japoneses, que detinham o monopólio das suas rotas marítimas. Esses mercadores e missionário o haviam abordado por rotas terrestres.<sup>2</sup>

As cartas-portulanos quase abriram uma brecha no Mundo fechado do Oriente. Mas o progresso mais significativo e definitivo das descobertas portuguesas é o abandono da visão ptolomaica de um *continuuus* territorial entre a África e a Ásia e de um Oceano Índico como um “mar fechado”.

“Toda a fecundidade desse mito repousa na crença de um *mare clausum* que faz do Oceano Índico, na mentalidade medieval, um receptáculo de sonhos, de mitos, de lendas. O Oceano Índico é o mundo fechado do exotismo onírico do Ocidente medieval, o *hortus conclusus* de um paraíso cheio de encantamentos e de pesadelos. Abra-se, rasgue-se nele uma janela, um acesso, e logo o sonho se desfaz”.<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Cf. Geneviève BOUCHON. *A Imagem da Índia na Europa Renascentista*. IN: António Manuel HESPANHA (org.). *Revista Oceanos*, nº 32. *Olhares Cruzados*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, outubro/dezembro de 1997.

<sup>2</sup> Cf. Jacques LE GOFF. *O Ocidente Medieval e o Oceano Índico: um horizonte onírico*. IN: Jacques LE GOFF. *Para um novo conceito de Idade Média*. Lisboa: Estampa, 1993.

<sup>3</sup> *Idem. Ibidem*. 1993. p. 265.

“Quando a prática e a teoria do *mare liberum* venceram as do *mare clausum*, então todos os povos do Velho Continente com vocação marítima se lançaram na corrida das descobertas e conquistas”.<sup>4</sup>

Em busca de porcelana, tecidos – seda –, especiarias – canela, cravo, gengibre e pimenta, cujo nome se origina da palavra *pigmentum*, pigmento –, gemas – ouro, prata, pérola e pedras preciosas – e outros produtos de luxo cujo comércio era lucrativo, os portugueses viajaram na “carreira das Índias” – a “carreira das Índias” era a carreira regular e circular, entre Lisboa e Goa, com duração de um ano, criada em 1510. A chegada ao Extremo Oriente possibilitou a criação da “carreira Malaca-Macau-Japão”, criada em 1557<sup>5</sup> – e estabeleceram uma verdadeira rede de possessões em África, no Oriente Médio, na Índia, em Málaca, em Macau, no arquipélago das Molucas, e nos longínquos China e Japão. As especiarias, que exerciam um particular fascínio sobre os portugueses, eram utilizadas na culinária – para temperar, mas, também, e principalmente, para conservar os alimentos –, na farmácia – para produzir remédios –, na indústria têxtil – para tingirem tecidos<sup>6</sup> –, mas, também, como símbolo de ostentação, empregadas e presenteadas – daí o uso da expressão “pagamento em espécie” – com a mesma suntuosidade das gemas.<sup>7</sup>

“A ave Fênix, que renasceria a cada 500 anos, transfigurada pelo fogo, realizaria este prodígio, conforme relatam os bestiários medievais, por meio da ingestão de canela, gengibre e noz-moscada. Combinadas com o vinho, constituíam a bebida chamada hipocraz, cujas virtudes agiam de forma semelhante às chamas, não só expulsando os humores corrompidos do organismo, mas queimando-os. Essa força de comoção dos sentidos, de choque sensorial aromático e gustativo, combatia as doenças, as fraquezas, o envelhecimento, ajudava nos partos e nos coitos e servia pra afastar a peste e os venenos. Sua origem imaginária residia no Paraíso, jardim da humanidade ideal, de onde elas brotaram como consolos para os males advindos da expulsão de Adão e Eva do seu éden original. Elas serviram depois para manter os corpos embalsamados e, assim, tornaram-se bálsamos não apenas para os vivos como para os mortos, para que não tivessem os corpos

<sup>4</sup> Fernando CRISTÓVÃO. *Introdução. Para uma teoria da Literatura de Viagens*. IN: Fernando CRISTÓVÃO (coord.). *Op. Cit.* 2002. p.44.

<sup>5</sup> Cf. Rosa NEPOMUCENO. *O Brasil na rota das especiarias. O leva-e-traz de cheiros, as surpresas da nova terra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

<sup>6</sup> Cf. Janaína AMADO; Luiz Carlos FIGUEIREDO. *Por TERRAS nunca dantes MAPEADAS*. IN: Paulo MICELI (org.) 2006.

<sup>7</sup> Cf. Henrique CARNEIRO. *Um sabor de riqueza para o OCIDENTE*. IN: Paulo MICELI (org.). 2006.

corrompidos. O próprio Cristo, depois de retirado da cruz, teria sido untado com mirra, aloé e gengibre”.<sup>8</sup>

Essas especiarias do Oriente chegavam à Europa por via terrestre – através das caravanas da famosa Rota da Seda – e passavam nas mãos de muitos povos até chegarem às mãos de genoveses, florentinos e venezianos, que as redistribuíam por via marítima – através do Mar Mediterrâneo.<sup>9</sup> Mas, no século XV, com a expansão do Império Otomano e a tomada de Constantinopla e a expulsão dos cristãos pelos turcos, em 1453 – movimento contrário ao da “Reconquista” na Península Ibérica, de expulsão dos muçulmanos, que termina em 1492, na Espanha, e de expansão da cristandade, que começa em 1415, em Portugal, com a tomada de Ceuta, no Norte da África –, a única via para se chegar ao Oriente passou a ser o “incomensurável *mar Oceano*, o mar Exterior dos antigos”.<sup>10</sup>

Somente a partir das primeiras descobertas portuguesas é que o conhecimento geográfico do Oriente começa a se aproximar do real. Mas, ao contrário do sonho medieval de riquezas, “sonho sobretudo ligado às ilhas, que são o preço do Oceano Índico, mar semeado de ilhas”<sup>11</sup>, o descobrimento do Oceano Índico começou pela África.

“Em vez de espaços fechados dentro de um círculo estreito, surgem extensões sem fim... Em vez de limites estáveis e regulares dos continentes onde se acumulam, ao sabor da imaginação, cidades e regiões errantes, é o desenho das costas que evolui em volta de pontos fixos... A terra muda bruscamente de aspecto”.<sup>12</sup>

A expansão portuguesa forma uma espécie de “colar de pérolas”, de pontos no mapa – devido à prática da navegação Mediterrânea e não oceânica de cabotagem, de cabo a cabo, de porto em porto, de escala em escala –, as feitorias, entrepostos comerciais protegidos por fortalezas, algumas no litoral da África, outras no interior do continente, como a Fortaleza de São Jorge da Mina. Cada trecho do litoral passou a ser conhecido pelo nome do principal produto ali comercializado: a Costa da Malagueta – denominada também de “falsa pimenta”,

<sup>8</sup> Cf. Henrique CARNEIRO. *Op. Cit.* p. 80.

<sup>9</sup> Cf. Janaina AMADO; Luiz Carlos FIGUEIREDO. *Op. Cit.*

<sup>10</sup> Jorge MAGASICH-AIROLA; Jean-Mark de BEER. *Op. Cit.* p. 16.

<sup>11</sup> Jacques LE GOFF. *Op. Cit.* 1993. p. 274.

<sup>12</sup> *Idem. Ibidem.* 1993. p. 265.

porque a “verdadeira” pimenta era a da Índia, a que denominamos “pimenta-do-reino”, do Reino do Oriente, do Império de Portugal –, a Costa da Mina – denominada também de Costa do Ouro –, a Costa dos Escravos – onde foram aprisionados os negros – e a Costa do Marfim.<sup>13</sup>

“Nessas viagens pelas costas, os portugueses desembarcavam em portos, alguns utilizados havia séculos pelos árabes”.<sup>14</sup> Devido ao desconhecimento do Oceano Atlântico no litoral africano, os descobridores portugueses chegaram mesmo a utilizar a ajuda de marinheiros árabes para navegar no Oceano Índico. Vasco da Gama

“Raptou um piloto árabe que o guiaria a seu destino, mas conseguiu se safar. O rei providenciou outro piloto que o orientasse. Ahmed Mesjid, chamado pelos lusos El-Melindi, não fugiu do navio, nem da história. Sem ele, teria Gama teria atravessado o Índico e chegado à Índia sem mais problemas? Quem mais seguro do que um árabe, naquelas águas?”.<sup>15</sup>

Portanto, muitos mapas portugueses tiveram a influência de cartógrafos árabes no traçado da África oriental e do Oceano Índico, e abandonaram o modelo ptolomaico.

“Em 1499, o rei português D. Manuel, em carta ao imperador Maximiniano, seu primo, intitulava-se sem modéstia *rei de Portugal, dos Algarves, d’aquém e d’além mar em África, senhor da Guiné, da conquista, da navegação e comércio da Etiópia, da Arábia, da Pérsia e da Índia*”.<sup>16</sup>

“Da Índia os portugueses partiram também para o leste da Ásia, pois compreenderam que a península indiana era apenas um grande centro distribuidor de especiarias, e não o produtor de todas elas”.<sup>17</sup> Em 1510, Goa se tornou a sede do vice-reinado no Oriente e, no ano seguinte, em 1511, as ilhas Molucas – “as *djazin-al-mulúk*, ilhas dos reis, como as tinham batizado os árabes”<sup>18</sup> – se tornaram terras portuguesas e as “jóias da coroa”. Uma carta que representa o Oriente é o *Atlas Catalão*, de Abraão Cresques, de 1375.

<sup>13</sup> Cf. Janaína AMADO; Luiz Carlos FIGUEIREDO. *Op. Cit.*

<sup>14</sup> Rosa NEPOMUCENO. *Op. Cit.* p. 48.

<sup>15</sup> *Idem. Ibidem.* p. 49.

<sup>16</sup> *Idem. Ibidem.* p. 30.

<sup>17</sup> *Idem. Ibidem.* p. 30.

<sup>18</sup> *Idem. Ibidem.* p. 72.

Mas a palavra Oriente é um símbolo bifronte que significa mais do que a localização geográfica dos impérios africanos, árabes, indianos, chineses e japoneses, com os quais os portugueses pretendiam uma relação econômica e diplomática assimétrica, a favor do Ocidente.<sup>19</sup> O Oriente é a localização da origem do mito grego de uma “Idade do Ouro”, que a civilização judaico-cristã adotou e adaptou na do “Paraíso Terrestre”.

“Os gregos recolheram a idéia, originária da noite dos tempos, de uma *idade de ouro*, durante a qual tudo crescia sem esforço, os animais domésticos e selvagens conviviam sem conflitos, os homens viviam em um clima de amizade e concórdia, em um regime de partilha total. Para eles, após um percurso atormentado através das sucessivas idades, os homens deveriam retornar à idade primeira”.<sup>20</sup>

O mito primitivo de uma “Idade do Ouro”, de uma humanidade inocente, anterior ao pecado original, torna-se o do “Paraíso Terrestre”, do cristianismo. Mas tanto o mito de uma “Idade do Ouro” quanto o de um “Paraíso Terrestre” não estão para adiante, mas para trás, e se “(re)encontram” não no futuro, mas num retorno ao passado.<sup>21</sup>

A “Idade do Ouro” grega aparece no mito das raças de Hesíodo, em *Os trabalhos e os dias*. Segundo o mito das raças, existiriam quatro raças humanas que nos precederam na terra e desapareceram hierarquicamente, denominadas por metais, cuja ordem vai do mais precioso ao menos precioso: em primeiro lugar o ouro, depois a prata, o bronze e, finalmente, o ferro. Às raças de ouro, de prata, de bronze e de ferro, Hesíodo adiciona uma quinta, entre as raças do bronze e do ferro, a raça dos heróis, que não é denominada por nenhum metal. A ordem dessas cinco raças é hierárquica porque ela revela a queda – assim como a de Adão e Eva no “Paraíso Terrestre” –, a decadência moral a que a humanidade está destinada. Os homens de bronze morriam, como os heróis da Idade de Ouro, na guerra, mas, após a morte, iam para o Hades, o Mundo dos mortos, e seus nomes seriam esquecidos. Os heróis continuariam a viver, na ilha dos “Bem Aventurados” ou

<sup>19</sup> Cf. Marilena CHAUI. *Brasil. Mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

<sup>20</sup> Jorge MAGASICH-AIROLA; Jean-Mark de BEER. *Op. Cit.* p. 37.

<sup>21</sup> Cf. Jacques LE GOFF. *O maravilhoso no Ocidente medieval*. IN: Jacques LE GOFF. *O maravilhoso e o cotidiano no Ocidente medieval*. Lisboa: Edições 70, s.d.

dos “Afortunados”, e seu nomes, lembrados pelos poetas, permaneceriam para sempre na memória dos homens.<sup>22</sup>

Viajar para o Oriente é “(re)encontrar” a origem perdida, a “primavera eterna”, e deixar para trás a “velhice outonal” do Ocidente.

“Essas expressões são frequentes durante toda a Renascença: assinalam o sentimento de declínio e decrepitude de um mundo perpassado por guerras, peste, fome, cismas e heresias, mas também o sentimento de uma renascença, de um *instauratio* ou restauração da origem”.<sup>23</sup>

“A partir do século XIV o cenário mudou radicalmente sob o efeito de várias calamidades. À Peste Negra de 1348, que matou um terço da população européia, sucederam-se o Grande Cisma e a interminável Guerra dos Cem Anos. A inquietação era geral. As crenças milenaristas e a angústia em face da chegada iminente do Anticristo multiplicavam o mal-estar social. Revoltas urbanas e rurais devastavam um Ocidente mais aberto do que nunca às epidemias”.<sup>24</sup>

Em 1484, o Papa Inocêncio VIII chegou a reconhecer a existência de mortos-vivos, em um documento intitulado *Malleus maleficarum*.<sup>25</sup> Portanto,

“o Oriente funciona sobretudo como o espaço da evasão, do mundo ao contrário, em resposta à necessidade que toda sociedade tem de encontrar o lugar idílico que compense a insatisfação do viver cotidiano”.<sup>26</sup>

Os gregos “acreditavam igualmente que as almas dos mortos viajavam até o Hades, descrito por Homero como uma vasta caverna regada pelos cursos de quatro rios que o separavam do mundo dos vivos”.<sup>27</sup>

A Bíblia também localizava no “Paraíso Terrestre” os quatro rios da “Idade do Ouro” grega.

“E saía um rio do Éden para regar o jardim, e dali se dividia em quatro braços. O nome do primeiro é Pisom, este é o rio que cerca toda terra de Havilá, onde há ouro. E o nome do segundo rio é Giom: este é o que rodeia toda a terra de Cusí. E o nome do

<sup>22</sup> Cf. Jean-Pierre VERNANT. *Op. Cit.*

<sup>23</sup> Marilena CHAUÍ. *Op. Cit.* 2000. p. 454.

<sup>24</sup> Mary del PRIORE. *Esquecidos por Deus. Monstros no mundo europeu e ibero-americano (séculos XVI-XVIII)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 34.

<sup>25</sup> Cf. *Idem. Ibidem.* 2000.

<sup>26</sup> Luís Adão da FONSECA. *Op. Cit.* p. 11.

<sup>27</sup> Jorge MAGASICH-AIROLA; Jean-Mark de BEER. *Op. Cit.* p. 37.

terceiro rio é Tigre: este é o que vai para a banda do oriente da Assíria. E o quarto rio é o Eufrates (*Gênesis*, 2:10-14)”.

O nome de cada um dos quatro rios simboliza uma virtude. Pison, o rio Ganges, que significa “abertura da boca”, simboliza a prudência, Gion, o rio Nilo, “abertura da terra”, a temperança, Tigre, em cujas margens vivem os assírios, a força, e Eufrates, “abundancia”, a justiça. O “Paraíso Terrestre” vai ser “(des)locado” para a América do Sul, e os quatro rios vão ser o Prata (Pison), o Amazonas (Gion), o Madalena (Tigre) e o Orinoco (Eufrates).

“Obcecados pelo deserto que os cercava, os autores dos primeiros livros da Bíblia descreveram esse lugar ideal como um jardim protegido de águas abundantes, onde tudo crescia espontaneamente. Mais tarde, ele será situado no cimo de uma montanha inacessível ao homem, cuja altitude o preservará da destruição do Dilúvio universal”.<sup>28</sup>

“Depois o Senhor Deus plantou um jardim no Éden, da banda do oriente, e pôs ali o homem que tinha formado. O Senhor Deus fez brotar da terra toda a árvore agradável à vista e boa em frutos comestíveis, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore da ciência do Bem e do Mal (*Gênesis*, 2:8-9)”.

André Thevet, em sua *As Singularidades da França Antártica*, diz que

“foi dito que ele se encontrava no Oriente. Alguns disseram que ele estava entre os dois trópicos, sob o equador, no alto de um monte elevado até bem perto das nuvens, onde as águas do Dilúvio não penetraram jamais. Acreditamos, pois que existe um lugar assim disposto para o prazer e o alimento do homem: mas onde ele está ninguém pode dizer”.<sup>29</sup>

Os papagaios encontrados na América, ave ignorada pelos europeus, foram confundidos com a “Ave-do-Paraíso” porque usa a mesma linguagem, fala a mesma língua que o homem.

Antonio Pigafetta, narrador da primeira viagem de Fernão de Magalhães, de circunavegação do Globo, entre 1517 e 1522, diz que

“esses pássaros tem o corpo semelhante ao dos tordos, uma pequena cabeça e um grande bico, palmouras finas como uma pena de escrever. Não tem asas, mas vêem-se, em seu lugar, dois tipos de poupas, formadas por longas plumas multicolores. A cauda é

<sup>28</sup> Jorge MAGASICH-AIROLA; Jean-Mark de BEER. *Op. Cit.* pp. 37-39.

<sup>29</sup> *Idem. Ibidem.* p. 59.

também semelhante á do tordo, e todas as plumas não mencionadas são de cor escura. Eles só voam quando sopra o vento. Eles nos disseram que esses pássaros provinham do Paraíso terrestre, razão pela qual os denominavam ‘bolon dinata’, que significa ‘pássaro de Deus’”<sup>30</sup>.

A presença desse pássaro também é um sinal da existência de ouro, porque se acreditava que o ouro se encontrava em regiões muito quentes, onde os habitantes eram negros (África) ou papagaios. É devido aos papagaios que o Brasil foi apelidado de “Terra Papagali”.

#### 4.2. O “MARAVILHOSO” E O MONSTRUOSO

Mas o Oriente é também a localização das *mirabilia*. Mas afinal, o que eram as *mirabilia*? A palavra, em latim, *mirabilia*, é o plural da palavra *mirabilis*, que significa “maravilhoso”, portanto, *mirabilia* significa “maravilhas”, as “maravilhas” do Oriente. “Os viajeros partiam em busca de um *mundo novo*, num lugar não definido em termos geográficos, mas idealizado, um lugar pra lá da fronteira que dividia a Europa da Ásia, o mundo visível, do desconhecido”.<sup>31</sup> “Só há maravilha quando o *objeto* extraordinário está localizado em apenas um lado do mundo e quando ele é exclusivamente estrangeiro. A *exclusividade* é a condição do espanto e da admiração”.<sup>32</sup>

A palavra *Mirabilia* vem da raiz *miror* – de onde vem a palavra, em inglês, *mirror*, que significa, em português, “espelho”, em latim, *speculum*. Portanto, uma imagem. Mas as *mirabilia* não eram fenômenos que os homens viam apenas com os olhos, mas também com os *interiores oculus*, com os olhos “do espírito”, “da alma”, com a imaginação. *An inexhaustible fund of interest for any man with eyes so see or two pence worth of imagination to understand with.* (Uma inesgotável fonte de interesse para qualquer homem com olhos para ver ou um mínimo de imaginação para entender)<sup>33</sup>.

<sup>30</sup> Jorge MAGASICH-AIROLA; Jean-Mark de BEER. *Op. Cit.* P. 59.

<sup>31</sup> Maria Adelina AMORIM. *Viagem e mirabilia: monstros, espantos e prodígios*. Fernando CRISTÓVÃO (coord.). *Op. Cit.* 2002. p. 139.

<sup>32</sup> Claude KAPPLER. *Op. Cit.* pp. 79-80.

<sup>33</sup> Robert Louis STEVENSON. *Treasure Island*. IN: Jonathan POTTER. *Op. Cit.* p. 7.

A palavra *miror*, em latim, significa “admirar-se” – de onde vem a palavra “admiração”, admiração pela novidade, pelo novo – “surpreender-se” – de onde vem a palavra “surpresa”, imprevisto –, “olhar”, mirar. “Seu sentido é o mesmo do verbo latino *mirare*, que exprime espanto, surpresa, gosto pela novidade e pelo extraordinário, não pelo belo”.<sup>34</sup> “Expressões como *mira res* ou *mira admirationis* eram usuais nos relatos e traduziam uma atitude de admiração por parte de quem via ou de quem escutava”.<sup>35</sup>

“Maravilha é a figura central da resposta inicial dos europeus ao Novo Mundo, a decisiva experiência emocional e intelectual em presença da diferença radical. *Nil admirari*, rezava a antiga máxima”.<sup>36</sup>

Mas, há uma diferença entre as *mirabilia* pagãs da Antiguidade e o *miraculum*, o milagre, o “maravilhoso” cristão da Idade Média. No cristianismo, não apenas uma religião, mas uma religião monoteísta, só há um autor, Deus, os milagres, realizados pelos santos, os intermediários de Deus, dependem do arbítrio, da vontade, de Deus, ou seja, de um plano, um plano divino. Portanto, o “maravilhoso” cristão perde a sua característica essencial das religiões pagãs da Antiguidade greco-romana, onde os homens são “marionetes” nas mãos dos deuses, e não escapam à cadeia da *môira*, o destino, a fatalidade, ou à *Fortuna*, a deusa da sorte: a imprevisibilidade.<sup>37</sup>

Mas não se trata aqui de interpretar a representação do “maravilhoso” antigo e medieval na cartografia moderna, como um mito, em oposição à História. “A imaginação dos homens resiste à realidade, teima em continuar acreditando no que quer. No que a vida e a história se intrometem esfacelando ilusões”.<sup>38</sup> O que hoje, para os historiadores, é um conceito, era “mais do que uma categoria ou um atributo, ele é um universo, como acertadamente escreve JACQUES LE GOFF (*um universo de objetos, mais um conjunto de coisas do que uma categoria*)”.<sup>39</sup>

<sup>34</sup> Claude KAPPLER. *Op. Cit.* p. 61.

<sup>35</sup> Maria Adelina AMORIM. *Op. Cit.* p. 139.

<sup>36</sup> Stefen GREENBLATT. *Op. Cit.* p. 31.

<sup>37</sup> Cf. Jacques LE GOFF. *Op. Cit.* 1993.

<sup>38</sup> Joaquim Romero de MAGALHÃES. *Editorial. Ilhas, isolamento, solidão*. IN: Joaquim Romero de MAGALHÃES. *Revista Oceanos*, nº 46. *Ilhas Fantásticas*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, abril/junho de 2001. p. 5.

<sup>39</sup> Luís Adão da FONSECA. *Op. Cit.* p. 17.

As *mirabilia* são fenômenos que, à luz da razão do século XXI, são ininteligíveis, mas que, para esses homens dos séculos XV e XVI, do final da Idade Média e do início da Idade Moderna, ainda medievais e já modernos ao mesmo tempo, eram substanciáveis.<sup>40</sup> O possível não se distinguia do impossível.

“Não eram mistério, mas concretude. Sua materialidade, para nós hoje uma quimera, fazia parte daquele senso do possível ou do saber empírico posto em prática por marinheiros e colonos no período das navegações ultramarinas”.<sup>41</sup>

A localização dessas *mirabilia* não era fixa. A chegada aos lugares, antes, míticos, desmistificava, matava o mito naquele espaço, mas o fazia renascer em outra localização, senão no deserto, então no Oceano, senão a Oriente, então a Ocidente. Portanto, essas *mirabilia* vão partir do Oriente, viajar com os comerciantes em suas caravanas e com os navegadores e descobridores em suas caravelas, atravessar as fronteiras do Oceano Índico em direção ao Atlântico, e chegar antes dos colonizadores no Ocidente, no “Novo Mundo”, na América – vista primeiro como um prolongamento da Ásia, e, depois, como um novo continente, mas um novo continente, no final do século XV e no início do século XVI, cuja única utilidade era servir de passagem para as “Índias” –, nas “Índias Ocidentais”, onde vão ser representadas na cartografia. “Os primeiros conquistadores exploram as terras americanas na esperança de ver ali se materializar a geografia imaginária da Idade Média”.<sup>42</sup>

“Na Idade Média, a Ásia é a Índia, um universo fabuloso de maravilhas e monstros”.<sup>43</sup> O monstruoso remonta a mitologia e aos *Physiologus*, da Antiguidade. O primeiro *physiologus* foi escrito, em grego, por volta do ano de 140, no século II, em Alexandria, no Egito. A palavra *physiologus*, em grego, significa “naturalista”, portanto, os *Physiologus* eram obras de caráter enciclopédico e científico que reuniam um conjunto de saberes sobre os animais, vegetais e minerais. O fabuloso indiano foi alimentado por uma pseudo-ciência inspirada numa literatura apócrifa que a credulidade medieval acreditava sem dúvida nem exame.<sup>44</sup>

<sup>40</sup> Cf. Maria Adelina AMORIM. *Op. Cit.*

<sup>41</sup> Mary Del PRIORE. *Op. Cit.* 2000. p. 15.

<sup>42</sup> Jérôme BASCHET. *Op. Cit.* p. 28.

<sup>43</sup> W.G.L. RANGLES. *Op. Cit.* p. 20.

<sup>44</sup> Cf. Jacques LE GOFF. *Op. Cit.* 1993.

O romano “Plínio, o Velho”, reuniu em seu clássico *História natural*, a maior obra, latina, de referência dos *Physiologus* antigos, todas as fábulas da Índia, dando a elas uma “autoridade científica”.

“A edição *princeps* da *História natural* foi publicada em Veneza em 1469, seguida de traduções em várias línguas – italiano em 1476, francês em 1566, inglês em 1601, e espanhol em 1624 –, que inauguraram a longa série de *Mirabilia* e de *Curiosa*, manuscritos iluminados e depois publicados, florescentes durante a Idade Média e o Renascimento”.<sup>45</sup>

Desde os primórdios dos tempos, a relação entre o homem e o animal é “uma relação ambivalente de reciprocidade, em que os animais assumem características antropomórficas e os homens zoomórficas”.<sup>46</sup> No panteão mitológico dos povos da Antiguidade Clássica, eram representados deuses mistos de homens e animais que se metamorfoseavam. “Os monstros passaram a encontrar seu lugar também em bestiários, fazendo com que a erudição enciclopédica e o pensamento religioso se unissem”.<sup>47</sup>

“Através deles, o Ocidente foge a realidade medíocre de sua fauna, e reencontra a inesgotável imaginação criadora da natureza e de Deus. Sonhos de abundância e de extravagância, de justaposições e de misturas perturbadoras, forjado por um mundo pobre e limitado”.<sup>48</sup>

E o que vemos são imagens arquetípicas que não correspondem à realidade física, geográfica e histórica do Oriente, mas que são inspiradas nela.

O primeiro bestiário foi escrito, em francês, por volta de 1121, no século XII, para a Rainha da Inglaterra. Mas “seria um erro considerar que os bestiários medievais se resumiam a simples cópias do *Physiologus* primitivo”.<sup>49</sup> “Em comparação com os *Physiologus*, gregos ou latinos, irão adquirir uma faceta moralizadora e alegórica”.<sup>50</sup> Os bestiários medievais eram obras de caráter didático-moral, onde os animais, reais ou imaginários, eram representados concretamente como símbolos das virtudes e dos vícios humanos.<sup>51</sup>

<sup>45</sup> Mary del PRIORE. *Op. Cit.* 2000. pp. 21-22.

<sup>46</sup> João Paulo APARÍCIO; Paula PELÚCIA. *Op. Cit.* p. 221.

<sup>47</sup> Mary del PRIORE. *Op. Cit.* 2000. pp. 27-28.

<sup>48</sup> Jacques LE GOFF. *Op. Cit.* 1993. pp. 275-276.

<sup>49</sup> João Paulo APARÍCIO; Paula PELÚCIA. *Op. Cit.* p. 224.

<sup>50</sup> *Idem. Ibidem.* p. 225.

<sup>51</sup> Cf. João Paulo APARÍCIO; Paula PELÚCIA. *Op. Cit.*

“Num desses livros, por exemplo, datado do século XIII e depositado em Westminster, Inglaterra, os pigmeus simbolizam a humildade, os gigantes, o orgulho, os cinocéfalos, a discórdia, os homens com beijos pendurados, a mentira etc.”.<sup>52</sup>

“No *Livro dos homens monstruosos*, de Thomas Cantimpré, que vem à luz no século XIV, os latidos dos cinocéfalos são associados à calúnia, e os homens sem cabeça, aos cobradores de impostos que só pensavam em encher a própria barriga”.<sup>53</sup>

“A palavra *monstro* é ambígua. Na Idade Média, ela evoca a idéia de estranhamento, de diferença, mas também de emanção do poder do Criador”.<sup>54</sup>  
 “Se na Bíblia, Deus anunciara que faria o homem a sua imagem e semelhança, o monstro significava uma ruptura com esse princípio”.<sup>55</sup> Santo Agostinho perguntava-se:

“Seriam os monstros simultaneamente homens e criaturas de Deus? Filhos de Adão? Porque razão interferiam na harmonia da Criação? Pergunta-se, além disso, se é crível que dos filhos de Noé ou melhor, de Adão, de quem esses também procedem, se hajam propagado certas raças de homens monstruosos de que a história dos povos dá fê”.<sup>56</sup>

“Os bestiários medievais, não fazendo qualquer distinção entre os animais reais e os monstros imaginários, tornaram estes últimos como parte integrante da criação, fazendo-os figurar entre a exuberante população do Universo”.<sup>57</sup>

A Alta Idade Média também acrescentou aos *Physiologus* as figuras do diabo.

“Os sátiros e outros homens de cauda da Antiguidade inspiraram a imagem do diabo na iconografia cristã. De suas cabeças calvas despontam duas orelhas longas e pontiagudas e pequenos chifres. Tem patas de bode e uma pequena cauda”.<sup>58</sup>

Com a cristianização do “Velho Mundo”, o diabo se “(des)locou” para o “Novo Mundo”, “(des)locando” também a luta cruzadística. Portanto, a representação de bodes na cartografia da América vai servir para identificá-la

<sup>52</sup> Mary del PRIORE. *Op. Cit.* 2000. p. 28.

<sup>53</sup> *Idem. Ibidem.* 2000. p. 28.

<sup>54</sup> *Idem. Ibidem.* 2000. p. 123.

<sup>55</sup> *Idem. Ibidem.* 2000. p. 35.

<sup>56</sup> *Idem. Ibidem.* 2000. p. 23.

<sup>57</sup> Cecília GRANJA. *Os monstros no imaginário quinhentista*. IN: António Mega FERREIRA e José Sarmento de MATOS. (org.). *Op. Cit.* p. 72.

<sup>58</sup> Jorge MAGASICH-AIROLA; Jean-Mark de BEER. *Op. Cit.* p. 250.

como a localização do diabo e para legitimizar a cristianização dos índios, cujos ídolos pagãos seriam uma versão do “bode-demonizado”. Na Renascença, os ocidentais tiveram a surpresa de verificar que o “Império do diabo” era muito mais extenso do que o haviam imaginado antes de 1492.<sup>59</sup> O bode era também o animal sacrificado nas tragédias gregas da Antiguidade.

“Hoje o monstruoso aponta para o patológico, para o defeituoso congênito. O monstro contrapõe-se a um modelo de perfeição e de equilíbrio, expressa a anormalidade, é o contrário das leis da natureza”.<sup>60</sup> Portanto, o monstro é relacionado às doenças, as deformidades genéticas, aos desvios em relação ao padrão de proporcionalidade entre as partes do corpo. Mas, na Idade Média,

“O surdo, insensível à palavra de Deus, seria sensível somente aos rumores infernais. O cego tivera os olhos queimados pelo calor do inferno. O aleijado deveria seu desequilíbrio àquele de sua alma. O corcunda traria o peso de sua maldição às costas, sobre a qual se sentava seu mestre, o diabo”.<sup>61</sup>

Acreditava-se também que o cruzamento entre espécies animais ou raças humanas diferentes produzia monstros, dando origem à teoria das monstruosidades hereditárias.

“Tais crenças, entre outras, consagradas por uma lei da Sorbonne de 1318, e posteriormente pelo papa Inocêncio VIII, tiveram por resultado a destruição impiedosa de crianças com anomalias e, muitas vezes, da própria mãe.”<sup>62</sup>

O monstro nada mais é do que o ser no qual a diferença tende a acentuar-se, mais do que a semelhança.<sup>63</sup> “Mais fácil do que explicar algo não conhecido é compará-lo ao que é habitual e possível de descrever”.<sup>64</sup> Os monstros são seres a quem falta ou sobra o que temos, o que somos.

“Os critérios utilizados para classificar um monstro baseavam-se no tamanho anormal ou na pequenez extraordinária dos membros do corpo, na ausência ou no excesso de membros, nas modificações parciais ou na reunião de várias deformidades”.<sup>65</sup>

<sup>59</sup> Cf. Jean DELUMEAU. *Op. Cit.*

<sup>60</sup> Luís Adão da FONSECA. *Op. Cit.* pp. 35-36.

<sup>61</sup> Mary Del PRIORE. *Op. Cit.* 2000. p. 35.

<sup>62</sup> *Idem. Ibidem.* 2000. pp. 35-36.

<sup>63</sup> Cf. Mary del PRIORE. *Op. Cit.*. 2000.

<sup>64</sup> João Paulo APARÍCIO; Paula PELÚCIA. *Op Cit.* p. 229.

<sup>65</sup> Mary Del PRIORE. *Op. Cit.* 2000. p. 26.

“O monstro é fruto do espaço onde surge, e com esse espaço é coerente. Como diz Rogério Bacon, no século XIII, *o lugar do seu nascimento é o princípio que preside a geração das coisas*”.<sup>66</sup>

“Ele *pertence* a uma área geográfica que contém tal ou qual tipo de humanidade maravilhas ou curiosidades naturais e se autodefine *comparando* à sua situação de origem a situação por ele descoberta e que é, em princípio, distante”.<sup>67</sup>

Portanto, o monstro era exclusivamente estrangeiro, e ocupava um lugar mais do que diferente na geografia e na cartografia do final da Idade Média e do início da Idade Moderna, entre os séculos XV e XVI: desigual.

“Um verdadeiro cardápio de raças humanas monstruosas. Existiam sempre para fora dos limites conhecidos, em espaços exteriores e de difícil acesso, como o deserto ou ‘para lá das montanhas’, como seres (ou não seres) diferentes do homem ocidental. A exterioridade igual à alteridade. No reverso do lugar, no anverso do tempo, na bigorna da memória”.<sup>68</sup>

O monstro habitava o Oriente, mas também o Norte da África, as *insulas* isoladas, as “Terras Incógnitas” anteriores aos descobrimentos, ou as terras inexploradas localizadas nos extremos polares.

Se acreditava que

“O aspecto da terra, assim como o do homem, depende das condições atmosféricas, climáticas e astrais. O clima não tem apenas *influência* sobre o físico ou a moral dos homens: ele os *produz*, modela-os à sua imagem. A má distribuição do clima acarreta a anomalia, a deformação (e a deformidade), a perversão: estas implicam a feiúra”.<sup>69</sup>

“Do clima em que vivem as criaturas terrestres depende a sua conformação, de sua conformação física depende sua conformação moral”.<sup>70</sup> Portanto, os europeus justificavam as figuras monstruosas devido aos excessos de frio ou calor, somente nas zonas temperadas havia condições de existência de vida.

<sup>66</sup> Luís Adão da FONSECA. *Op. Cit.* p. 28.

<sup>67</sup> Claude KAPPLER. *Op. Cit.* p.160.

<sup>68</sup> Maria Adelina AMORIM. *Op. Cit.* p. 145.

<sup>69</sup> Claude KAPPLER. *Op. Cit.* p. 48.

<sup>70</sup> Claude KAPPLER. *Op. Cit.* p. 49.

“Na Líbia existem as *Blemmyas*, sem cabeça e com os olhos e boca no peito outros, sem pescoço, tem os olhos nos ombros”.<sup>71</sup> As blêmias

“Adquiriram uma posição de destaque no imaginário medieval quando Santo Agostinho, no século V, trouxe uma estranha informação: ‘Quando eu era bispo de Hipona, estava indo para a Etiópia com alguns escravos cristãos para ensinar o Evangelho de Cristo. Vimos numerosos homens e mulheres que não tinham cabeça e cujos olhos se encontravam no peito: com exceção disso, seus outros membros eram como os nossos’. Uma afirmação como essa, partindo de uma das maiores autoridades doutrinárias da Igreja cristã, constitui uma verdadeira *prova* da existência dos acéfalos”.<sup>72</sup>

“Na Escítia vivem os *Panotios*, cujas orelhas lhe cobrem o corpo”,<sup>73</sup> e lhe caem sobre as costas como melenas. “Na Etiópia existe uma raça de homens chamados *Esciópodos*, que correm em extrema velocidade e, durante o Verão dormem de costas, à sombra dos seus próprios pés”.<sup>74</sup> Os ciápodes são seres unípedes, com uma única perna e um único pé, mas grande, que é utilizado como guarda-sol. “Na Líbia vivem os *Antípodas*, que têm os pés virados ao contrário, com oito dedos em cada um”.<sup>75</sup> “Na Escítia vivem os *Hipópodes* que têm corpo humano e patas de cavalo”<sup>76</sup>, como os centauros, metade homem, metade cavalo.

“Na Índia existe um outro povo que mede doze pés chamado *Macrobói*”.<sup>77</sup> Os gigantes, cujo nome vem da palavra grega *gegenêis*: *gê*, terra, e *gênos*, linhagem.<sup>78</sup> Segundo os mitos orientais, os primeiros homens eram gigantes, essa tradição aparece nos mitos fundadores do mundo grego – nos primórdios do tempo reinavam os Titãs (os Gigantes), nascidos da união de Urano (o Céu) e Gaia (a Terra). Esse reino foi interrompido pela guerra entre os Titãs e os deuses do Olimpo. Os Gigantes foram vencidos e precipitados nas profundezas do Oceano. Somente Atlas permaneceu na superfície do planeta, para sustentar e suportar o peso da abóbada celeste – e em alguns episódios do Antigo Testamento, da Bíblia – a Criação da Terra, dos oceanos, da abóbada celeste e dos

<sup>71</sup> Maria Adelina AMORIM. *Op. Cit.* p. 145.

<sup>72</sup> Jorge MAGASICH-AIROLA; Jean-Mark de BEER. *Op. Cit.* p. 246.

<sup>73</sup> Maria Adelina AMORIM. *Op. Cit.* p. 145.

<sup>74</sup> *Idem. Ibidem.* p. 145.

<sup>75</sup> *Idem. Ibidem.* p. 145.

<sup>76</sup> *Idem. Ibidem.* p. 145.

<sup>77</sup> *Idem. Ibidem.* p. 145.

<sup>78</sup> Cf. Maria Adelina AMORIM. *Op. Cit.*

seres que os povoam foi uma obra incomensurável, feita por seres desmesurados.  
79

Antonio Pigafetta, narrador da primeira viagem de Fernão de Magalhães, de circunavegação do Globo, entre 1517 e 1522, escreveu sobre os Gigantes Patagãos, assim batizados devido às grandes pegadas encontradas na Patagônia. Ora, no século XVI, a estatura do homem europeu era baixa, de, no máximo, 1,60m, a estatura dos homens patagãos era alta, de, aproximadamente, 1,80m.

Nessa mesma terra habitam uns tão pequenos, que se chamam *Pigmeus*”.  
80 Os pigmeus, descendentes dos Citas, povo nômade que habitou a Cítia, nome dado pelos gregos às regiões próximas aos mares Negro e Cáspio, lutavam contra as gruas pelo ouro.

“Esses pigmeus são gente pequena. Não tem mais que III palmos de comprimento. São belos e graciosos por seu tamanho, todos os homens e mulheres se casam e têm filhos no VI mês de idade e vivem VII anos no máximo”.<sup>81</sup>

“Plínio, o Velho”, em sua *Historia Natural*, escreve que “perto dos Citas Setentrionais, não longe da caverna onde nasce o Aquilon, num lugar denominado Gesclitos, vivem os Arismpapers, reconhecidos pelo único olho que tem na testa”,  
82 os ciclopes.

“Qual não foi surpresa do viajante Nicolo Conti, ao ouvir dizer dos indianos que eram muito superiores aos Ocidentais, pois que, tendo dois olhos, tinham a sabedoria, enquanto que os Ocidentais tinham um olho!”.<sup>83</sup>

Os grifos, com cabeça de águia e corpo de leão – “mas o grifo possui um corpo maior do que oito leões e é mais forte do que cem águas”<sup>84</sup> –, eram criaturas monstruosas, mas guardiãs de maravilhas e tesouros como as minas de ouro e pedras preciosas da Ásia.

“O ouro não se encontrava em qualquer lugar, mas em países longínquos, extraordinários, de clima paradisíaco. Essas regiões se situavam muito provavelmente nas vizinhanças do Jardim do Éden.

<sup>79</sup> Cf. Jorge MAGASICH-AIROLA; Jean-Mark de BEER. *Op. Cit.*

<sup>80</sup> Maria Adelina AMORIM. *Op. Cit.* p. 145.

<sup>81</sup> Claude KAPPLER. *Op. Cit.* p. 181.

<sup>82</sup> Maria Adelina AMORIM. *Op. Cit.* p. 147.

<sup>83</sup> Jacques LE GOFF. *Op. Cit.* 1993. p. 280.

<sup>84</sup> Jorge MAGASICH-AIROLA; Jean-Mark de BEER. *Op. Cit.* p. 237.

Nesses locais distantes e de difícil acesso, o ouro se encontrava bem guardado por enormes grifos e pelas formigas gigantes mencionadas por Homero”.<sup>85</sup>

“Parecia lógico que o guardião dos tesouros protegesse as terras onde se esperava encontrar ouro em abundância. Em 1494, uma tropa que partira para explorar o interior de Cuba bate em retirada, aterrorizada por ter encontrado alguma coisa semelhante a uma pegada de grifo. Oito anos mais tarde, durante a última viagem de Colombo, seu filho anota como a expedição fez uma parada em Cuba, em um porto chamado Huiva. Ali, ‘descendo à terra, vimos que os habitantes viviam no cimo das árvores como pássaros, embora ignorando a razão dessa novidade, pensamos que ela procedia do medo dos grifos que vivem nessa região, ou então de seus inimigos’”.<sup>86</sup>

“Plínio, o Velho”, em sua *História Natural*, escreve que

“Os primeiros antropófagos vivem a dez dias de viagem para além do rio Boristene e bebem em crânios humanos, servindo-se de sua cabeleira como de uma talha dobrada sobre o peito”.<sup>87</sup>

“Quando tratamos de homens selvagens falamos dos antropófagos”<sup>88</sup>, ou canibais, “ao menos é *em caso de necessidade*. Sabe-se que em situações de escassez geral, ou de sítio, quando reina a fome, ressurge o canibalismo”.<sup>89</sup>

“Na extremidade oriental da Índia, na direção da nascente do Ganges, encontra-se a nação dos astomos, homens sem boca e cobertos de pelos que se vestem com folhas, vivem apenas da respiração e do cheiro, não bebendo nem comendo, no decorrer de suas longas viagens, levam diferentes odres de raízes, de flores, de macieiras selvagens para que, caso tenham necessidade, isso não lhes falte”.<sup>90</sup>

Os *astomori* tem astomia, ausência de boca.

“Além do país de Nasamons existem os andróginos, que carregam seus dois sexos e fazem nas relações sexuais ora papel de mulher, ora de homem. Aristóteles acrescenta que possuem o seio direito masculino, e o esquerdo feminino”<sup>91</sup>,

<sup>85</sup> *Idem. Ibidem.* p. 93.

<sup>86</sup> *Idem. Ibidem.* p. 237.

<sup>87</sup> Mary del PRIORE. *Op. Cit.* 2000. p. 20.

<sup>88</sup> Claude KAPPLER. *Op. Cit.* p. 230.

<sup>89</sup> *Idem. Ibidem.* p. 231.

<sup>90</sup> Mary del PRIORE. *Op. Cit.* 2000. p. 21.

<sup>91</sup> *Idem. Ibidem.* p. 20.

os hermafroditas. A unidade entre o masculino e o feminino, a união entre os contrários, representa a completude original do Cosmos, mas também representa a unidade entre o singular e o plural, a união entre o indivíduo e o coletivo, do primitivo e do civilizado.

“Ctésias cita várias montanhas habitadas por homens com cabeça de cão, vestem-se com peles de animais e ladram em vez de falar, armados de garras, alimentam-se de aves e quadrúpedes que caçam, são os cinocéfalos”<sup>92</sup>, metade homem, metade cachorro, que se comunicavam por latidos porque eram incapazes de aprender a língua humana.

“O dragão se apresenta como o rei dos animais fantásticos. Seu nome vem do termo latino *draco* (oriundo do grego *drakôn*) dado às serpentes de grande porte. É utilizado para designar animais imaginário tão terríveis quanto implacáveis, combatidos por heróis legendários ou por deuses.”<sup>93</sup>

“No Ocidente, é a eloqüente descrição do leviatã bíblico que serve de arquétipo à imagem do dragão”.<sup>94</sup> “Somente alguns eleitos como São Jorge foram capazes de vencer esse símbolo do mal absoluto”.<sup>95</sup>

“Na América, os pacíficos iguanas provocaram um lirismo exaltado. Para Vespúcio, tratava-se de serpentes de aspecto assustador, para Lãs Casa, sua crista era como uma colina do nariz até a cauda, ao passo que Oviedo os comparava aos dragões”.<sup>96</sup>

“No baixo Egito vivem dois perigosos monstros. E se mantêm de bom grado às margens do mar, que são muito temidas e causam medo à gente do país, dos quais uns tem nome de hipopótamos e os outros tem nome de crocodilos”.<sup>97</sup> O hipopótamo, animal de difícil classificação, porque se movimentava tanto na terra quanto na água, foi confundido com o cavalo-marinho. Luís de Cadamosto, em *As notas de viagem de Luís de Cadamosto e de Pedro de Sintra*, escreve que “alimária (animal irracional, de carga) como esta não se encontra noutras partes por onde navegam os nossos cristãos, a não ser nesta terra de negros”. O crocodilo

<sup>92</sup> *Idem. Ibidem.* p. 20.

<sup>93</sup> Jorge MAGASICH-AIROLA; Jean-Mark de BEER. *Op. Cit.* p. 240.

<sup>94</sup> *Idem. Ibidem.* p. 240.

<sup>95</sup> *Idem. Ibidem.* p. 241.

<sup>96</sup> *Idem. Ibidem.* p. 241.

<sup>97</sup> Ana Maria de Moraes BELLUZZO. *O Brasil dos Viajantes*, v. 1. *Imaginário do Novo Mundo*. São Paulo. Fundação Odebrecht, 1994.

– cujo nome vem da sua cor amarela, de açafão, em latim, *crocum* – chora depois de matar suas vítimas, daí a expressão “lágrimas de crocodilo”.

“Quando um monge escritor, copista ou desenhista, recebe informações a respeito de um grande quadrúpede armado de um só chifre no meio da testa, ele recorre à representação de um animal conhecido – o cavalo. Deste modo, a descrição de um rinoceronte semeada na imaginação humana fez florescer o licorne”.<sup>98</sup>

Marco Polo, em seu *O Livro de Marco Polo*, descreve assim o licorne:

“eles tem elefantes selvagens e unicórnios suficientes que são pouco menores que um elefante, tem o pelo do búfalo. Os pés, têm-nos feitos como o elefante, tem um corno muito grosso e negro no meio da testa e direis que não fazem mal como o corno, mas com a língua, pois que sobre esta há espinhos muito longos. Têm a cabeça feita como a do javali selvagem e sempre a carregam inclinada para o chão e permanecem de bom grado no meio da lama e do lodo. É um bicho mui feio de se ver”.<sup>99</sup>

“Pois é exatamente de um rinoceronte que se trata!”.<sup>100</sup> O famoso paleontólogo Georges Cuvier, inspirado nas *Histórias do Oriente*, de Ctésias, de Cnido, “discutiu até morrer, em 1832, se o unicórnio não passaria de uma imagem deformada do rinoceronte”.<sup>101</sup> “Nosso Senhor Jesus Cristo é um licorne celeste. O fato de o licorne possuir um só chifre ilustra as palavras do Cristo: ‘Meu pai e eu somos apenas Um’”.<sup>102</sup>

O nome elefante vem do grego *eliphio*, que significa montanha. O elefante é o símbolo do poder régio indiano, porque são usados como montaria dos reis, na Ásia. É símbolos de estabilidade porque suporta o “peso do mundo” em seu lombo. E de inteligência, porque vive em manadas, como se vivesse em sociedade, e segue como líder o elefante mais velho, idoso. O elefante macho e a elefanta fêmea representam Adão e Eva antes de cometerem o pecado original, porque são castos e monogâmicos.

“Esses animais são como Adão e Eva: depois de ter comido fruto da árvore da ciência – a mandrágora –, como dizem as Escrituras, ‘Eva concebeu e gerou Caim nas águas do lago de

<sup>98</sup> Jorge MAGASICH-AIROLA; Jean-Mark de BEER. *Op. Cit.* p. 227.

<sup>99</sup> Claude KAPPLER. *Op. Cit.* pp. 73-74.

<sup>100</sup> *Idem. Ibidem.* p. 74.

<sup>101</sup> Mary del PRIORE. *Op. Cit.* 2000. p. 19.

<sup>102</sup> Jorge MAGASICH-AIROLA; Jean-Mark de BEER. *Op. Cit.* p. 231.

miséria’, chegou então o dragão que os levou a se revoltarem contra Deus. Para salva-los, apareceu um grande elefante, ou seja, a lei dos hebreus, depois chegaram os doze elefantes, isto e, os profetas e, finalmente, o pequeno elefante, que é evidentemente Nosso Senhor Jesus Cristo”.<sup>103</sup>

O macaco, homens com rabo:

“O que os viajantes encontraram e classificaram como homens selvagens, homens com rabo, na maioria das vezes são variedades de macacos. Isso em nada simplifica o problema: para os antigos, assim como para o homem medieval, é difícil traçar uma fronteira nítida entre o homem e o animal evoluído que é o macaco”.<sup>104</sup>

Marco Polo, em seu *O Livro de Marco Polo*, diz que “nesse reino há homens que têm um rabo com mais de um palmo de comprimento que não é coberto de pêlos como todo o mais, e tais homens moram fora, nas montanhas, e não na cidade”.<sup>105</sup> Duarte Pacheco Pereira, em seu *Esmeraldo de Situ Orbis*, escreve que “os moradores desta província tem rosto e dentes como cães, e rabos como de cão, e são negros e de esquiva conversação, que não querem ver outros homens”.

Ctésias, de Cnido, em *Histórias do Oriente*, “descreve a antropófaga mantícora, com cabeça de homem, corpo de leão, cauda de escorpião e três fileiras de dentes”.<sup>106</sup>

Brunetto Latini, em seu *Livro do Tesouro*, de 1263, descreve assim a mantícora:

“A mantícora: a mantícora é um animal que vive na Índia, possui fisionomia humana, cor de sangue, olhos amarelos, corpo de leão, cauda de escorpião e corre tão rápido que nenhum outro animal pode lhe escapar. Mais do que qualquer alimento, ela gosta de carne humana. As mantícoras se acasalam de tal maneira que ora uma fica embaixo, ora outra”.<sup>107</sup>

“Presentes em todo o Ocidente cristão, monstros e monstregos fariam a rota de tantos navegadores em direção ao

<sup>103</sup> Jorge MAGASICH-AIROLA; Jean-Mark de BEER. *Op. Cit.* p. 232.

<sup>104</sup> Claude KAPPLER. *Op. Cit.* p. 224.

<sup>105</sup> *Idem. Ibidem.* p. 225.

<sup>106</sup> Mary Del PRIORE. *Op. Cit.* 2000. p. 19.

<sup>107</sup> Mary Del PRIORE. *Op. Cit.* 2000. p. 17.

Oeste, chegando junto com os primeiros colonizadores à *terra brasiliis*. Acompanhavam-se do olhar que os europeus tinham sobre a América”<sup>108</sup>,

o “olhar devassador dos marinheiros da cristandade”.<sup>109</sup> Entre os animais do Novo Mundo, Conrad Gesner, que publicou em 1549 o seu *Historia animalium*, destaca o *arctophitecus*:

“Existe na América uma fera extremamente disforme que os habitantes chamam de *haut* e os franceses, *guenon*, tão grande quanto um enorme macaco africano. Seu ventre é caído, sua cabeça e seu rosto são como os de uma criança e quando é capturado grita como uma criancinha. Sua pele, de cor cinza, é aveludada como a de um urso, ela só tem três garras em cada pé, tão longas quanto quatro dedos, que lhe permitem subir nas mais altas árvores”.<sup>110</sup>

O *haut* de Gesner deve ter se inspirado na terrível fera homônima com que Thevet ilustra sua viagem ao Brasil, confundida com a mantícora antropofágica do Oriente: o bicho preguiça.

Mas qual era papel desses monstros na cartografia dos descobrimentos marítimos ibéricos em África, Ásia e América através dos oceanos Atlântico e Índico nos séculos XV e XVI? “Os monstros (*monstra*), justificadamente assim chamados, derivam de mostrar (*mostrare*), porque mostram algo, significando-o”.<sup>111</sup> Os monstros “são titulados pelo nome de portentos, ostentos, monstros e prodígios, porque anunciam (*portendere*), manifestam (*ostendere*), mostram (*monstrare*) e predizem (*predicare*)”.<sup>112</sup> Portanto, os monstros pré-ostentam (*pre-ostendere*), ostentam antecipadamente os prodígios (*prodigia*) – de *porro dicere*, dizer para o futuro –, predizem o futuro, anunciam os prodígios, as vontades de Deus.

“O monstro cuja monstruosidade é verdadeiramente provocadora é a daquele que é *humano*. O monstro é o Outro, é a alteridade dentro da comum condição humana. Os monstros são *todo o outro que nós não somos*”.<sup>113</sup> “Santo Isidoro de Sevilha dizia que o monstro é *revelador*, é manifestação de algo”.<sup>114</sup>

<sup>108</sup> *Idem. Ibidem.* 2000. p. 77.

<sup>109</sup> João da Rocha PINTO. *Imagem e conhecimento da África*. IN: Michel CHANDEIGNE (org.). *Op. Cit.* p. 115.

<sup>110</sup> Mary Del PRIORE. *Op. Cit.* 2000. p. 44.

<sup>111</sup> Maria Adelina AMORIM. *Op. Cit.* p. 144.

<sup>112</sup> *Idem. Ibidem.* p.144.

<sup>113</sup> Luís Adão da FONSECA. *Op. Cit.* p. 28.

<sup>114</sup> *Idem. Ibidem.* p. 28.

“O monstro, o *outro* enquanto tal, é o reflexo *ao contrário* do eu”.<sup>115</sup> “Como tal, é *fator de descobrimentos...*”.<sup>116</sup>

“Num mundo em que se descobre em inícios do século XV, muito por ação dos Descobrimentos e da Expansão europeias, os bestiários ainda vão ter um papel importante no plano explicativo de realidades que se descobrem. Em grande medida eles contribuem para enriquecer uma florescente Literatura de Viagens”.<sup>117</sup>

“Na trama de qualquer vida, natural e sobrenatural, entrelaçam-se perfeita e perpetuamente. Nas cosmografias desse tempo, o incoerente margina o plausível, o verdadeiro liga-se ao fantástico, a fauna absurda dos bestiários deita pacificamente os seus rebentos no meio de verdadeiros animais pintados ao natural. A literatura estava cheia deles. Toda literatura de prodígios, de sinais celestes, de versos miraculosos que não guardamos senão ínfimos restos, e que satisfaziam abundantemente esse gosto da aventura maravilhosa, essa ávida credulidade dos nossos antepassados” (Lucien Fèbvre).<sup>118</sup>

#### 4.3. A LITERATURA DE VIAGENS

A “(re)descoberta” do Oriente foi também uma fonte inesgotável para a produção de textos de natureza técnica – náutica – e científica – astronômica, matemática, geográfica, histórica e etnográfica –, que deram origem às narrativas de viagem e aos diários de bordo, de homens que cruzaram as terras e os mares da Ásia da África e do Oceano Índico em suas caravanas e caravelas. No século XIII, esse itinerário deu origem à literatura de viagens, um gênero pitoresco, original das letras portuguesas, que ganhou impulso com os descobrimentos marítimos ibéricos na América através do Oceano Atlântico, nos séculos XV e XVI.

Para os gregos, a ação e a palavra eram os domínios onde os homens poderiam construir a História. “O exercício iluminado das *aretái* – das virtudes – torna os homens excepcionais – *aristói* – dignos de honra e de eterna recordação”.

<sup>115</sup> *Idem. Ibidem.* p. 29.

<sup>116</sup> *Idem. Ibidem.* p. 29.

<sup>117</sup> João Paulo APARÍCIO; Paula PELÚCIA. *Op. Cit.* p. 229.

<sup>118</sup> João da Rocha PINTO. *Op. Cit.* 1993. p. 44.

<sup>119</sup> “Tudo o que o homem ibérico realizava e inventava fazia-se acompanhar da palavra que imortalizava, através de epopéias como *Os Lusíadas*” <sup>120</sup>, de Luís de Camões, cujo caráter é o mesmo das epopéias gregas *A Ilíada* e *Odisséia*, de Homero, do século VIII a.C. “O homem lusitano seria então a combinação entre o humanista e o soldado – letras e armas”. <sup>121</sup>

“Homens que cruzaram a Ásia, ligando a China à Europa durante o século XIII, confirmavam a existência de maravilhas e bizarras nunca dantes vistas” <sup>122</sup>, “esses homens contavam o que viram e o que não viram”. <sup>123</sup>

“A partir dos pontos de referência familiares ao itinerário clássico da peregrinação à Terra Santa, veremos elaborar-se, já no século XIV, uma estrutura de narração de viagem em que se misturam o verdadeiro e o fantástico, em que o viajante, real ou fictício, após ter visitado o Santo Sepulcro em Jerusalém, seguirá para perto do Preste João, será testemunha de todos os fenômenos fabulosos de seu reino e depois chegará ao pé da montanha do Paraíso terrestre, antes de voltar a sua casa. As três etapas chave neste tipo de narração sucedem-se nesta ordem”. <sup>124</sup>

A existência do Reino de Preste João foi difundida no Ocidente por uma carta apócrifa – cuja autenticidade não foi confirmada, nem sua língua original, mas a carta ficou tão famosa que foi traduzida em diversas línguas européias –, pretensamente escrita pelo próprio Preste João, em 1164, ao imperador do Império Romano do Oriente, ou Império Bizantino, Manuel Commeno, ou ao imperador do Sacro Império Romano Germânico, Frederico Barba Ruiva, com importantes informações a respeito da diplomacia internacional no século XII, como as guerras e as alianças entre o Sacro Império Romano Germânico, a cúria pontifícia, o Império Bizantino e os muçulmanos. <sup>125</sup>

Preste seria uma tradução de *prête*, que, em francês, significa padre, porque Preste João seria o líder de uma comunidade cristã no Oriente, com a qual, durante as Cruzadas, Portugal viu na aliança a esperança de conter a expansão muçulmana e de reconquistar Jerusalém.

<sup>119</sup> Rubem Barbosa FILHO. *Op. Cit.* p. 21.

<sup>120</sup> *Idem. Ibidem.* p. 26.

<sup>121</sup> Antonio Edmilson Martins RODRIGUES; Francisco José Calazans FALCON. *A Formação do Mundo Moderno*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006. p. 243.

<sup>122</sup> Mary Del PRIORE. *Op. Cit.* 2000. p. 18.

<sup>123</sup> *Idem. Ibidem.* 2000. p. 32.

<sup>124</sup> W.G.L. RANGLES. *Op. Cit.* pp. 20-21.

<sup>125</sup> Mariana SALES. *O lendário reino do PRESTE JOÃO*. IN: Paulo MICELI (org.). 2006. p. 40.

“Esse texto, além de reunir os *topoi* das maravilhas e riquezas do Oriente, apresenta o aliado ideal com que o mundo cristão sempre sonhara em sua luta contra o Islã: ‘Nós, Preste João, prometemos e juramos de boa fé conquistar o sepulcro de Nosso Senhor e toda a Terra Prometida’”.<sup>126</sup>

João seria um erro de tradução de Khan – assim como Gengis-Khan, Gran-Khan ou o Kublai-Khan de Marco Polo – que significa rei. Humilde, Preste João não aceitou para si o título de Rei, apenas o de presbítero. Na sua figura, se unem várias histórias e mitos que se difundiram pela Europa medieval, como o dos cristãos nestorianos, seguidores de Nestor, bispo de Constantinopla, a dos mongóis, inimigos também dos muçulmanos, a do reino cristão da Abssínia (a Etiópia), e até a de que Preste João seria descendente de um dos três dos Reis Magos.<sup>127</sup>

“Marco Polo acreditava que Prestes João era o nome dado a vários reis cristãos da Ásia Central onde o cristianismo chegara. Portanto, não houve um e sim vários Prestes João, embora os portugueses não o tenham encontrado nem a seus reinos”.<sup>128</sup>

“Os mitos alimentados por uma longa tradição – o reino de Preste João – povoavam a imaginação à época e estimularam muitos e se lançarem na aventura das navegações oceânicas”.<sup>129</sup> Em 1493, D. João II, Rei de Portugal, enviou uma expedição por terra ao Oriente, para encontrar o Reino de Preste João, comandada por Afonso de Paiva e Pedro Covilhã.

“Paiva e Covilhã partiram de Lisboa, seguiram para Valença, Barcelona, Nápoles, Rodes, Alexandria, Cairo e Áden, onde se separaram, em 1488. Consta que Afonso de Paiva morreu de peste, sem completar sua missão. Paralelamente, Pero da Covilhã seguiu para Cananor, Calicute, Goa e Ormuz, percorrendo depois a costa oriental africana até a Sofala. Em 1492, partiu rumo à Etiópia”.<sup>130</sup>

A longa peregrinação de Pero de Covilhã lhe possibilitou reunir informações preciosas sobre as “Índias”. Em 1520, D. Manuel enviou seu capelão, o padre Francisco Álvares, autor da *A Verdadeira Informação das Terras do*

<sup>126</sup> Raffaella D’INTINO. *À procura do Catai*. IN: Michel Chandeigne (org.). *Op. Cit.* p. 211.

<sup>127</sup> Cf. Jacques ATALI. 1492. *Os acontecimentos que marcaram o início da era moderna*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

<sup>128</sup> Rosa NEPOMUCENO. *Op. Cit.* p. 34.

<sup>129</sup> Berenice CAVALCANTE. *Op. Cit.* p. 23.

<sup>130</sup> Mariana SALES. *Op. Cit.* p. 41.

*Preste João das Índias*, de 1540, a uma embaixada na “Abissínia” (a Etiópia), onde reuniu o material para a sua obra. Não se conhece um texto escrito por Afonso de Paiva ou Pedro da Covilhã, mas, em *A Verdadeira Informação das Terras do Preste João das Índias*, padre Francisco Álvares escreveu que foi confidente de Pero da Covilhã. Em 1541, Portugal enviou a maior embaixada da História chefiada por Cristóvão da Gama, filho de Vasco da Gama. Mas, antes de alcançarem a Etiópia, foram mortos pelos muçulmanos. No final do século XIV, o Papa concedeu a Portugal a posse da costa africana “até o reino de Preste João”, e o mito se tornou realidade através de uma bula papal.

A carta descrevia um reino e um palácio construídos, mais do que de riquezas, de sonhos. O Preste João habitava

“Um palácio de ébano e cristal, com um telhado de pedras preciosas enfeitado de estrelas, sustentado por colunas de ouro, com rios que nascem no paraíso terrestre, ricos e pedras preciosas, ouro, prata e pimenta, e uma fonte da eterna juventude”.<sup>131</sup>

Em seu palácio, Preste João possuiria um espelho mágico de onde via todas as suas terras. Padre Francisco Álvares escreve que, em 1520, Diogo Lopes Sequeira, governador da Índia, enviou um mapa-múndi ao Preste João, que deduziu que El Rei de Portugal e El Rei de Castela eram senhores de poucas terras em relação às extensões que o mapa atribuía ao seu próprio reino.

Em sua *Carta do Preste João das Índias*, Preste João escreve:

“A nossa terra se estende para um lado até a extensão de quatro meses em largura, e para outro lado ninguém pode saber até onde se dilata o nosso domínio. Se puderes contar as estrelas do céu e as areais do mar, então poderás contar os nossos domínios e o nosso poder”.<sup>132</sup>

A Ásia, a Índia, ou as “Índias”, como era denominada na Idade Média, apesar de ser um continente geograficamente mais bem definido do que a África, da qual só se conhecia o Norte, não era um espaço preciso. Hoje, denominamos de asiáticos os japoneses, os chineses e os indianos, mas nos esquecemos dos turcos sírio-libaneses da Ásia Menor e dos iraquianos, iranianos e árabes do Oriente

<sup>131</sup> Jacques ATALI. *1492. Op. Cit.* p. 125.

<sup>132</sup> Mariana SALES. *Op. Cit.* p. 39.

Médio, como se houvesse uma Ásia mais Ásia do que a outra: a do o Extremo Oriente.

“Contribuía o fato de na cosmografia medieval européia o rio Nilo ser frequentemente considerado como a fronteira da Índia. Assim, como as explorações portuguesas da costa africana, o rio Senegal, o Níger e finalmente o Congo, forma sendo tomados como braços do Nilo que desaguava no Atlântico – o que implicava que todas as regiões a Oriente desses rios fossem tomadas como terras do Preste João”.<sup>133</sup>

Inicialmente localizado na Índia, numa das três “Índias”, na Ásia – segundo a geografia medieval, a Índia não era o espaço delimitado pelos rios Indo e o Ganges, mas a Ásia, que começava a Leste do rio Nilo, e não do Mar Vermelho. Portanto, a Etiópia fazia parte das “Índias”: a Índia Maior, a Indo-Gangética, a Índia Menor, as Penínsulas do Sudeste asiático, e as costas Nordeste da África, a Índia ocidental, e Sudoeste da Ásia, o Extremo Oriente – o Reino de Preste João foi “(des)locado” para a Etiópia, na África, e finalmente para o “Novo Mundo”, para a América.

Ainda em sua *Carta do Preste João das Índias*, Preste João escreve:

“Nosso domínio vai até às Três Índias, e se estende à Índia mais distante, onde descansa o corpo de São Tomé, o Apóstolo. Passa através do deserto, em direção ao sol nascente, e continua pelo vale da árida Babilônia, perto da Torre de Babel”.

“E esse lugar acha-se na direção leste, no começo da terra. Mas não se trata do nosso leste, onde o sol se ergue até nós, pois, quando ele se levanta naquelas terras, é meia-noite nas nossas devido à redondeza da Terra”. Em vez de um Mundo no qual todos os caminhos levavam ao centro da Terra, Jean de Mandeville imaginava um Mundo no qual a cada lugar correspondia o seu oposto, e escreve em suas *As Viagens de Mandeville*:

“Segundo o que eu pude perceber sem compreender, a terra do Preste João, Imperador da Índia, está abaixo de nós. Lá, eles tem o dia quando nós temos a noite, e ao inverso, eles tem a noite quando temos o dia. Pois a Terra e o mar tem a forma redonda, e, se, se sobe por um lado, desce-se do outro”.

<sup>133</sup> Manuel João RAMOS. *O destino etíope do Preste João. A Etiópia nas representações cosmográficas européias*. IN: Fernando CRISTÓVÃO (coord.). *Op. Cit.* 2002. p. 245.

A religião hindu, descoberta da pelos portugueses na Índia, foi confundida com a religião cristã e confirmou a localização do Reino cristão de Preste João na Ásia. Em Calicute, Vasco da Gama confundiu uma estátua de uma deusa hindu com uma imagem de Nossa Senhora, e comparou um templo a um mosteiro, devido ao seu tamanho. Os hindus, vegetarianos, também foram comparados ao hábito cristão de se comer peixe em dias santos, devido ao fato da carne de vaca ser um animal sagrado. “Jesus Cristo ensinou que aquele que mata será morto, por isso não come o que foi abatido”.<sup>134</sup>

Muitos templos hindus na Índia e mesquitas muçulmanas no Norte da África foram cristianizados. Mas o encontro mais extraordinário foi o das castas mais elevadas da Índia, convertidas pelos jesuítas da contra-reforma, que, assim como o tupi-guarani no Brasil, aprenderam e ensinaram as línguas da Índia. Qual não foi a surpresa para os europeus quando no final do século XVI encontraram um reino cristão em plena África negra, a Abssínia? Eles acreditaram ter encontrado o Reino de Preste João na pessoa do Imperador da Etiópia. “Deslocalização do *locus* do reino, da Ásia para a África. Esta deslocalização era possibilitada pela recorrência de informações sobre reinos cristãos núbios ou etíopes”.<sup>135</sup> A última representação cartográfica do Reino de Preste João é no mapa de Abraão Ortelius, de 1573, em cuja legenda está escrito: “El Império del Preste Juan, o Abssínia”.

As viagens possibilitaram descrever a Terra em uma série de grafias, como, por exemplo, a cartografia. As viagens antigas eram viagens de retorno. A *Iliada* e a *Odisséia*, de Homero, são epopéias que cantam o conto do retorno do esposo, da *nostalgia* – que vem da palavra *nóstos*, que, em grego, significa retorno, e *algia*, plural de *álgos*, dor da alma – de Ulisses ou Odisseu pela esposa e pela pátria, da saudade. Mas a viagem de Ulisses, assim como as viagens dos “cavaleiros errantes” dos Romances de Cavalaria medievais, é uma viagem para lutar na guerra. Portanto, a viagem de Odisseu é menos uma aventura pelo desconhecido e mais uma desventura de retorno ao conhecido, um erro.

“Ulisses foi e será sempre o modelo perfeito para se entender a condição humana e as suas errâncias, mas a sua viagem

<sup>134</sup> Geneviève BOUCHON. *Op. Cit.* p. 20.

<sup>135</sup> Manuel João RAMOS. *Op. Cit.* p. 243.

continuará sempre a fazer-se em círculos fechados, como o do Mediterrâneo das suas navegações”.<sup>136</sup>

As viagens medievais eram viagens de deslocamentos por terra ou pelo Mar Mediterrâneo, um mar fechado. Expedições militares, armadas sob o signo da cruz, patrocinadas pela cristandade, para lutar em uma “Guerra Santa”, pela libertação dos cristãos do domínio e da expansão muçulmana no Oriente, e pela recuperação de Jerusalém, que, na verdade, nunca pertenceu às mãos dos cristãos. As Cruzadas, mais do que precursoras da busca por novas terras, foram uma busca por velhas almas. E viagens de peregrinação – “no mundo cristão, a prática da viagem de peregrinação começou discretamente, e ainda na Palestina, dadas às condições de peregrinação em que vivia a Igreja”<sup>137</sup> – em busca de um lugar mítico ou santo, como o Reino de Preste João ou o Santo Sepulcro, em Jerusalém – “Jerusalém, que se haveria de transformar num ponto de referência sagrado e mítico, ao ponto de influenciar a própria cartografia que da Cidade fazia o centro do mundo e a referência fundamental para todos os estudos”.<sup>138</sup> Para Jean de Mandeville, “Para Mandeville, Jerusalém não é o centro geográfico porque ele é o centro espiritual; e o é porque se localiza exatamente no centro geográfico”<sup>139</sup> –, ou de uma relíquia sagrada, como a *busca do Santo Graal*<sup>140</sup>.

“O paradigma das viagens medievais era um misto de peregrinação, cruzadismo e dos ideais de cavalaria combinados num roteiro cuja finalidade era elevar o viajante em direção ao divino”.<sup>141</sup> Portanto, as viagens medievais eram viagens pré-anunciadas, cujo destino, o “ponto final”, o fim, a finalidade, era definida, era certa, era dada no início: encontrar o que estava escrito nos textos do Antigo e do Novo Testamento. Devido ao poder da Revelação e da autoridade sobre a experiência, o conceito de viagem na Idade Média não significava o deslocamento no mundo – é importante lembrar que as fronteiras do mundo medieval não eram fixas –, mas o deslocamento nos textos escritos das Sagradas Escrituras. Esses viajantes acreditavam conhecer os lugares para onde se dirigiam, mas chegavam a lugares cuja existência jamais haviam imaginado. Portanto, esses lugares míticos ou santos, como o Reino de Preste João e o Paraíso Terrestre se

<sup>136</sup> Fernando CRISTÓVÃO. *Op. Cit.* 2002. p. 36.

<sup>137</sup> *Idem. Ibidem.* 2002. p. 39.

<sup>138</sup> *Idem. Ibidem.* 2002. p. 41.

<sup>139</sup> Stefen GREENBLATT. *Op. Cit.* p. 63.

<sup>140</sup> Berenice CAVALCANTE. *Op. Cit.* p. 25.

<sup>141</sup> *Idem. Ibidem.* p. 24.

perderam nas suas “(des)localizações”. Mas sua verdadeira localização é a imaginação desses peregrinos. As viagens medievais eram viagens imaginárias, interiores, e não exteriores. Quando as viagens modernas se iniciam, nos séculos XV e XVI, os marinheiros e navegadores portugueses ainda procuram reinterpretar os textos da Bíblia frente à nova geografia que ia sendo descoberta, desvendada pelos seus olhos.

A diferença entre as viagens antigas e medievais para as viagens modernas é que as viagens dos séculos XV e XVI eram viagens por *mares nunca dantes navegados*<sup>142</sup>, abertos e, portanto, tinha um destino, um “ponto final”, um fim, incerto. As viagens modernas são viagens de aventura. Uma finalidade que era a viagem em si mesma, o itinerário, as rotas marítimas entre os oceanos Atlântico e Índico, e não as descobertas. “A viagem moderna revestiu-se do caráter de aventura justamente por ser um processo em aberto, cujo fim estava no próprio ato de viajar”.<sup>143</sup> “A memória da descoberta secundarizou –obliterando-a – a reminiscência da viagem”.<sup>144</sup>

Portanto, na Idade Moderna, o significado do conceito de descobrimento vai mudar, o objeto da descoberta é menos importante do que a ação de descobrir. Segundo Reinhart Koselleck, o espaço de experiências e o horizonte de expectativas são duas categorias universais, unidas às categorias de espaço e tempo. Na Idade Média, a doutrina cristã limitava o espaço de experiências e o horizonte de expectativas futuras era limitado pelo que se sabia sobre o passado. Na época moderna,

“Vai aumentando progressivamente a diferença entre experiência e expectativa, ou, mais exatamente, só se pode conceber a modernidade com um tempo novo desde que as expectativas têm se afastado cada vez mais das experiências”.<sup>145</sup>

A expectativa “hoje, é futuro feito presente, aponta todavia, não ao não experimentado, mas ao que só se pode descobrir”. “A etimologia nos ensina que a

<sup>142</sup> Luís de CAMÕES. *Os Lusíadas*. Porto: Porto Editora, 1999. p. 71

<sup>143</sup> Berenice CAVALCANTE. *Op. Cit.* p. 25.

<sup>144</sup> Luís Adão da FONSECA. *Op. Cit.* p. 66.

<sup>145</sup> Reinhart KOSELLECK. *Champs d'expérience et horizon d'attente. Deux catégories historiques. IN: Le future passé*. Paris: EHESC, 1990. pp. 342-343.

experiência liga-se à importante raiz indo-européia *per* que quer dizer ‘ir adiante’, ‘penetrar em’, dando ainda origem às palavras *perigo*, *pirata*, *porto*”.<sup>146</sup>

A relação entre o ver e o ouvir era diferente na Antiguidade, na Idade Média e na Idade Moderna. Na Grécia anterior a *Polis*, a *Alethéia* era a palavra do *aedo*, do adivinho, que era cego. Portanto, a (ver)dade, o ver, não era ligada à visão, mas ao ouvir. Na Idade Média, o sujeito do conhecimento era Deus, era UNO, portanto, a verdade era baseada na “Re(velação)”, era ÚNICA. Mas, na Idade Moderna, o sujeito do conhecimento é o homem, o observador, a testemunha, portanto, a verdade é plural, e é ligada ao ver, e não ao ouvir.

Mas os homens da Idade Moderna afirmam que Deus não existe mais ou nunca existiu, o Super Homem<sup>147</sup> ainda não matou Deus. A secularização apenas separa o crer do saber, que, na Idade Média, era ligado à Igreja, e agora é ligado ao homem. O humanismo coloca o homem dentro e no centro do Mundo, mas não coloca Deus para fora do Mundo. O homem foi criado por Deus, mas, se foi criado a imagem e semelhança de Deus, também é Criador. A secularização e o humanismo marcam a passagem da visão teocêntrica para a antropocêntrica.

Historicamente, é a primeira vez que o homem tem livre arbítrio para agir na sua vida, na vida mundana. “Os mapas são tesouros onde repousam os sonhos de conhecimento e posse das imagens, cenários e personagens do Teatro do Mundo”.<sup>148</sup>

A Europa nunca tinha perdido a memória das Índias das conquistas de “Alexandre, o Grande”.

“Alexandre, o Grande (356-323 a.C.), rei da Macedônia, conseguiu o que parecia impossível: dominar a Pérsia e chegar às margens do rio Indo, divisa com a Índia (em 337 a.C.). Dessas campanhas, Alexandre trouxe para o Ocidente costumes orientais, como o gosto pelas especiarias. O Egito já tinha sido conquistado por ele, e Alexandria (fundada em 331 a.C.) se tornara importante centro comercial do Mediterrâneo – um de seus portos chamou-se Porta da Pimenta”.<sup>149</sup>

“As viagens aos confins do Paraíso alimentaram a imaginação popular ao longo de toda a Idade Média, e *A Vida de*

<sup>146</sup> Adauto NOVAES. *Experiência e destino*. IN: Adauto NOVAES. (org.). 1998. *Op. Cit.* p. 9.

<sup>147</sup> Cf. Friedrich Wilhelm NIETZSCHE. *Assim falou Zaratustra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

<sup>148</sup> Paulo MICELI. *Op. Cit.* 2002. p. 97.

<sup>149</sup> Rosa NEPOMUCENO. *Op. Cit.* p. 35.

*Alexandre o Grande*, escrita em Alexandria no século III de nossa era, aproximadamente seis séculos após a morte do macedônio, pode ser considerada como protótipo da maioria dessas narrativas. Até o Renascimento, foi a obra mais traduzida depois da Bíblia – nada menos do que trinta línguas diferentes. No decurso dos séculos, novas versões desse verdadeiro *Romance de Alexandre* surgirão, incorporando um grande número de lendas medievais”.<sup>150</sup>

“A chegada da armada de Vasco da Gama à Índia abriu aos Portugueses as portas do fabuloso e virtualmente desconhecido mundo asiático. Com efeito, antes de 1498 pouco se sabia de concreto em Portugal sobre o remoto e até então quase inacessível *Oriente*. Nos meios mais cultos, circulavam decerto cópias de algumas obras manuscritas, de autoria de viajantes como Marco Polo ou de compiladores como Jean de Mandeville, onde o leitor interessado poderia encontrar notícias algo confusas sobre a Ásia”.<sup>151</sup>

“Se Colombo supõe ter chegado ao Oriente, seria importante aprender o conceito de ‘Oriente’. No final do século XV, esse conceito dependia sobretudo de Marco Polo e de Sir John Mandeville, cujos livros Colombo leu e possivelmente levou em sua primeira viagem”.<sup>152</sup>

“O filho de Cristóvão Colombo, Fernando, escreveu que, entre as razões que levaram seu pai a empreender viagem, estavam as palavras de ‘Marco Polo, um veneziano, e John Mandeville’”.<sup>153</sup>

Em 1214, Gengis-Khan (1155, 1162 ou 1167 – 1227), da Mongólia, invadiu e conquistou a Grande Muralha da China. Em 1241, Cracóvia, na atual Polônia, e a Hungria. “Essa conquista se desenrola com rapidez e eficácia fulminantes e, sobretudo, “esbanjando atrocidades”, o que acuou a cristandade”.<sup>154</sup> O exército mongol marchava sobre Viena, às margens do Danúbio, quando, felizmente para os cristãos, o Gran-Khan Ogodai, filho de Gengis Khan, e pai de Kublai-Khan, morreu. Mas, em 1368, as rotas terrestres para o Oriente foram novamente fechadas com o advento da dinastia Ming, da China.

“No século XIII, entre o advento dos mongóis com a invasão de Gengis Khan e aquele, em 1368, da dinastia Ming, que fechou

<sup>150</sup> Jorge MAGASICH-AIROLA; Jean-Mark de BEER. *Op. Cit.* pp. 42-45.

<sup>151</sup> Rui Manuel LOUREIRO. *Visões da Ásia (séculos XVI e XVII)*. IN: Fernando CRISTÓVÃO (coord.). *Op. Cit.* 2002. p. 339.

<sup>152</sup> Stefen GREENBLATT. *Op. Cit.* p. 45.

<sup>153</sup> *Idem. Ibidem.* p. 45.

<sup>154</sup> Claude KAPPLER. *Op. Cit.* p. 54.

as portas da Ásia, os europeus lançaram-se a descobrir o Oriente”.

<sup>155</sup>

Seriam eles (os mongóis ou tártaros) os povos Gog e Magog, o Anticristo – o inimigo de Cristo, que invadiria a Terra no final dos tempos, e destruiria a cristandade – da profecia de Ezequiel, do Livro do *Apocalipse*? “Quem é esse Gog, que vem do país de Magog (*Ezequiel* 38,2), situado no extremo norte (*Ezequiel* 38,6 15), mas será aniquilado nas montanhas de Israel?” A identificação de Gog e Magog é difícil. Gog seria um homem, e Magog (de onde viria Mongol), que significa, literalmente, “de Gog”, um lugar, localizado na Bíblia num dos quatro cantos do mundo, identificado com a Eurásia. “Marco Polo postula que os povos de Gog e Magog viviam na província de Tenduch (Geórgia), sob domínio do Preste João. Nesse país abundavam o ouro, a prata e o lápis-lázuli”.<sup>156</sup> Para além das Portas caspianas do Cáucaso, edificadas por “Alexandre, o grande”, foram feitos prisioneiros vinte e dois povos: Gog e Magog, Anug e Aneg, Aquenaz e Difar, Fotinianos, Líbios, Eunianos, Fariseus, Declemas, Sarmatas, Tebleanos, Sarmatianos, Canonianos, Amatarzes, Garmiades, Antropófago, Cinocéfalos, Tarbianos, Alanos, Fisolonicianos, Arneanos e Asalterianos.

Em 1245, no IV Concílio de Latrão, a Igreja adota uma postura hostil em relação aos judeus, proibindo-os de saírem as ruas nas datas das festividades cristãs, obrigando-os a usarem um distintivo na roupa para serem identificados, e a residir em bairros à parte. Daí a relação entre essas “*ferocissimae gentes*” e as Dez Tribos de Israel: Rubem, Simeão, Levi, Issachar, Zabulom, José, Dan, Nephtali, Gad e Aser. Jean de Mandeville, em seu *As Viagens de Mandeville*, escreve que as Dez Tribos de Israel habitam uma terra para o além-*Cathay* de Marco Polo, e,

“Quando alguém consegue sair, não pode falar outra língua senão o hebraico, de sorte que não conversam com outros homens estando entre eles. No entanto, foi profetizado, que nos dias do Anticristo, esses judeus – conhecidos como Gog e Magog –, auxiliados pelos outros judeus falantes do hebraico dispersos no mundo, subjugarão a Cristandade, ‘assim como outros cristãos os subjugarão’”.<sup>157</sup>

<sup>155</sup> Mary del PRIORE. *Op. Cit.* 2000. p. 32.

<sup>156</sup> Jorge MAGASICH-AIROLA; Jean-Mark de BEER. *Op. Cit.* p. 68.

<sup>157</sup> Stefan GREENBLATT. *Op. Cit.* p. 73.

Nota-se, nessas últimas palavras de Jean de Mandeville, um quê de alteridade presente na literatura de viagens.

Em 1250, os irmãos Mafeu e Nicola Polo, pai de Marco Polo (1254 – 1326), dois mercadores venezianos, saem de Veneza e seguem a Rota da Seda, que data dos dias dos Romanos, a fim de explorar os segredos do *Cathay*, a China de Marco Polo, onde conhecem Kublai-Khan (1214 – 1294), filho de Ogodai e neto de Gengis-Khan, responsável pela reunificação da China e fundador da dinastia Yuan. Segundo Marco Polo, Mafeu e Nicola viveram dezessete anos no Oriente. Em 1266, antes de retornarem a Veneza, Kublai-Khan, curioso em conhecer todas as religiões existentes, pede aos irmãos Polo que levem e entreguem uma carta ao Papa Clemente IV (1265 – 1268), na qual lhe pede que lhe envie cem homens sábios da lei cristã para a sua corte. Em 1268, Clemente IV morre e, em 1271, após três anos de interregno – o maior na História – um político eclesiástico da Palestina, Teobaldo Visconti, é eleito o Papa Gregório X (1271 – 1276). Mafeu e Nicola retornam ao *Cathay* com o filho de Nicola, Marco Polo, e, em vez de cem homens, dois frades com poderes para ordenar sacerdotes e bispos. Também “sabe-se que Colombo era portador de cartas dos reis da Espanha destinadas ao grão-cã”.<sup>158</sup> Portanto, *O Livro de Marco Polo* vai influenciar Cristóvão Colombo, cuja descrição das “Índias Ocidentais” se assemelha a do *Cipango*, o Japão que o Kublai-Khan tentou invadir, mas foi repellido pelo *Kamikaze*, que, em japonês, significa “vento divino”.

Marco Polo viveu vinte e quatro anos no Oriente e quando regressou à Veneza seus parentes e compatriotas não o reconheceram. Suas memórias, originalmente intituladas *A Descrição do Mundo*, mas mais conhecidas como *O Livro de Marco Polo* ou *O Livro das Maravilhas*, ou pelo nome vulgar de *Il Milione* – apelido que ganhou, por ter enriquecido –, foram escritas em 1298, em uma prisão genovesa – onde foi preso por ter comandado uma galera na guerra entre Veneza e Gênova, e só foi libertado após um Acordo de Paz – com seu companheiro de cela, Rustichello de Pisa. Em seu leito de morte, seus amigos e um padre o cercaram e o pediram para que se retratasse e pedisse perdão por suas mentiras, mas Marco Polo diz “eu só disse a verdade, e apenas a metade do que eu vi”. Em 1315, a obra foi traduzida para o latim e, somente em 1502, para o

---

<sup>158</sup> Bartolomé BENNASSAR. *Op. Cit.* p. 84.

português. No século XIX, teve sua autenticidade confirmada e seu caráter científico reconhecido, apesar das *mirabilias*.

Na corte de Kublai-Khan, Marco Polo tornou-se seu confidente.

“O imperador é aquele que é estrangeiro para cada um de seus súditos e somente por meio de olhos e ouvidos estrangeiros o império podia manifestar a sua existência para Kublai”<sup>159</sup>,

porque “quem comanda a narração não é a voz, é o ouvido”.<sup>160</sup> Marco Polo descrevia para Kublai-Khan todas as cidades do seu Império. Kublai-Khan possuía um Atlas que representava todo o Globo terrestre. Nele, estavam desenhadas todas as cidades do seu Império, os reinos adjacentes e cidades que nem Marco Polo nem os geógrafos sabiam onde se localizavam ou se existiam, “terras prometidas visitadas na imaginação, mas ainda não descobertas ou fundadas”.<sup>161</sup> O Atlas de Kublai-Khan era de uma geografia imaginária.

Marco Polo colocou em xeque várias *mirabilia* que tradicionalmente eram localizadas no Oriente. “Está realidade é inevitavelmente a morte de um certo maravilhoso, mas também o nascimento de outro... dos tesouros do oriente”.<sup>162</sup> Kublai-Khan “podia gastar desbragada e ultrajantemente”<sup>163</sup>, porque não cunhava moedas de prata e ouro, mas imprimia papel-moeda, o que o livrava da escassez de metais preciosos. “Quando a estampa se desfigura pelo uso, são levadas ao tesouro real e o tesoureiro as troca por novas. A moeda é estampada de ambos os lados, como sucede em outros países”.<sup>164</sup> A representação monetária, nem por isso, perdia o seu valor. “O viajante reconhece o pouco que é seu descobrindo o muito que não teve e que não terá”.<sup>165</sup>

“Aquilo que ele procurava estava diante de si, e, mesmo que se tratasse do passado, era um passado que mudava à medida que ele prosseguia a sua viagem, porque o passado do viajante muda de acordo com o itinerário realizado. Ao chegar a uma nova cidade, o viajante reencontra um passado que não lembrava existir: a surpresa daquilo que você deixou de ser revela-se nos lugares estranhos, não nos conhecidos”.<sup>166</sup>

<sup>159</sup> Ítalo CALVINO. *As Cidades Invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 25.

<sup>160</sup> *Idem. Ibidem*. p. 123.

<sup>161</sup> Ítalo CALVINO. *Op. Cit.* p. 149.

<sup>162</sup> Stefén GREENBLATT. *Op. Cit.* p. 58.

<sup>163</sup> *Idem. Ibidem*. p. 58.

<sup>164</sup> *Idem. Ibidem*. p. 58.

<sup>165</sup> Ítalo CALVINO. *Op. Cit.* p. 29.

<sup>166</sup> Ítalo CALVINO. *Op. Cit.* p. 28.

A literatura de viagens é o lugar por excelência de produção da alteridade. Mais do que repleto de *mirabilias*, *O Livro de Marco Polo* é um texto escrito repleto de Outros, portanto, repleto de si mesmo: “de uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta maravilhas, mas as respostas que dá as nossas perguntas”<sup>167</sup>. “É hora de o meu império, crescido demais em direção ao exterior”, disse Kublai-Khan a Marco Polo, “começar a crescer para o interior”<sup>168</sup>.

Em 1356, Jean de Mandeville, pseudônimo do francês Jean Bourgogne, da Borgonha, ou Sir John Mandeville, cavaleiro inglês, ou ainda cavaleiro de Santo Albano, de Alba, na Itália, escreveu *As Viagens de Mandeville* à “João Sem Medo”, herói da Guerra dos Cem Anos entre a França e a Inglaterra. *As Viagens de Mandeville* se tornaram populares e foram traduzidas em dez línguas européias e tiveram trinta e cinco edições antes de 1500, em comparação com as apenas cinco do *O Livro de Marco Polo*. “O sucesso de sua obra deve-se ao fato de ter sabido preparar um concentrado de histórias maravilhosas, povoadas de personagens fantásticos, que publicou em língua vulgar”.<sup>169</sup>

Jean de Mandeville foi visto como “o maior viajante da Ásia que o mundo jamais viu”<sup>170</sup>, sem nunca ter saído da sua Europa natal. “Sem jamais ter ido muito longe, Mandeville insistia na veracidade de relatos que lhe teriam sido transmitidos por íntimos, dignos da maior confiança”.<sup>171</sup>

“Mandeville não só omitiu suas fontes como as mascarou – ‘fria e deliberadamente’ – para poder afirmar que empreendeu pessoalmente as perigosas viagens ao Oriente Médio e à Ásia. Ele era uma fraude empedernida: não só seus raros momentos de exatidão eram roubados como também suas mentiras eram plagiadas”.<sup>172</sup>

“A data de partida é surrupiada à carta dedicatória de Guilherme de Boldensele a seu patrono, o cardeal Taylleyrand-Périgord, o nome ‘Mandeville’ pode ter sido tirado do romance

<sup>167</sup> *Idem. Ibidem.* p. 44.

<sup>168</sup> *Idem. Ibidem.* p. 69.

<sup>169</sup> Mary del PRIORE. *Op. Cit.* 2000. p. 33.

<sup>170</sup> *Idem. Ibidem.* 2000. p. 51.

<sup>171</sup> *Idem. Ibidem.* 2000. p. 33.

<sup>172</sup> Stefén GREENBLATT. *Op. Cit.* p. 51.

satírico francês *Le Roman de Mandevie*, escrito por volta de 1340, o serviço na corte do Grande Cã é copiado de Odorico”.<sup>173</sup>

Mas o importante não é se *As viagens de Mandeville* eram para “além-Terra Santa” ou imaginárias, ou se Jean de Mandeville era ele próprio o protagonista ou o autor das viagens, o importante é o avolumar de maravilhas, de *mirabilia*. E assim, suas *As viagens de Mandeville*, foram autenticadas graças ao sistema de autenticação medieval:

“A caminho de casa passei por Roma, a fim de submeter meu livro à apreciação de nosso santo pai, o Papa. Falei-lhe das maravilhas que presenciei em diversos países para que ele, com seu sábio conselho, o examinasse na companhia de pessoas de diversas procedências. Pouco depois, quando ele e seu sapientíssimo conselho já haviam examinado minuciosamente o livro, confiou-me que tudo nele era verdadeiro, de vez que possuía uma obra em latim narrando todas aquelas coisas e muito mais, obra com base na qual foi elaborado o *Mappa Mundi* (esse livro, ele me mostrou). Portanto, nosso santo pai, o papa, ratificou e confirmou meu escrito por inteiro”.<sup>174</sup>

“As *Viagens de Mandeville* tinham suas próprias reivindicações, ou antes, suas próprias não-reivindicações”<sup>175</sup>, porque, ao contrário de Marco Polo, que é um mercador, um comerciante, interessado em lucro, e nas riquezas do Império do *Cathay*, como o dinheiro em papel-moeda, Jean de Mandeville não toma posse de nada para si mesmo. “Sir John Mandeville torna-se o paladino da não-posseção no curso de suas viagens”.<sup>176</sup> Jean de Mandeville não reivindica posses, nem uma posição, um cargo de nobre.

“Depois de confessar, ouvir missa e tomar comunhão, ele e seus companheiros penetraram no Vale Perigoso, onde lhes pareceu ver ouro, prata e pedras preciosas por toda parte. ‘Mas se era como parecia, ou nada mais que fantasia, ignoro-o’. ‘Devido ao medo que sentíamos e também para que aquilo não comprometesse a nossa devoção, não quisemos apanhar nada’”.<sup>177</sup>

<sup>173</sup> Stefan GREENBLATT. *Op. Cit.* p. 53.

<sup>174</sup> *Idem. Ibidem.* p. 55.

<sup>175</sup> *Idem. Ibidem.* p. 45.

<sup>176</sup> *Idem. Ibidem.* p. 47.

<sup>177</sup> Stefan GREENBLATT. *Op. Cit.* p. 46.

Jean de Mandeville ainda é um cavaleiro medieval. A única posse que ele quer tomar é para a cristandade, de Jerusalém, da “Terra Santa”, a terra onde Jesus Cristo nasceu, peregrinou e morreu.

Assim como Marco Polo ao Kublai-Khan, Jean de Mandeville serviu ao sultão do Egito. “Ele viaja a Jerusalém não como um conquistador a reclamar a sua herança, mas como um peregrino dependente da proteção especial do sultão”.<sup>178</sup> Os sarracenos não permitem que os cristãos ou judeus entrem no Templo do Senhor, em Jerusalém, “pois afirmam que homens estão insensatos não devem pisar tão sacrossanto lugar”.<sup>179</sup> Mas Jean de Mandeville obtém permissão, “porque eu tinha cartas do sultão com seu grande selo, nas quais ele ordenava a todos os súditos que me deixassem ver quaisquer lugares por onde passasse, devendo, além disso, mostrar-me as relíquias e ruínas que eu desejasse”.<sup>180</sup> Aquilo que as cartas do sultão permitem a Jean de Mandeville contemplar é a sua própria herança cristã perdida.

“O Templo do Senhor encerra a rocha ‘que os homens chamam às vezes de Moriac, mas antes era conhecida como Behel’ É o lugar onde ‘a arca de Deus estava instalada, e outras relíquias dos judeus’. Na arca estavam as tábuas dos Dez Mandamentos, a vara de Aarão e o ‘cajado de Moisés, com o qual ele dividiu o Mar Vermelho’. ‘Nessa rocha assentou-se Nosso senhor quando os judeus quiseram lapidá-lo até a morte’. Naquela mesma rocha sentou-se Nossa Senhora e ‘tangeu o seu saltério’. Jesus perdoou a mulher adultera. Jesus foi circuncidado. O anjo anunciou o nascimento de João Batista. Melquisedeque ofereceu pão e vinho ‘como símbolo do sacramento que estava por vir’”.<sup>181</sup>

Assim como portugueses que buscaram o Reino de Preste João nas “Índias” e encontraram culturas diferentes e ao mesmo tempo semelhantes da Europa cristã, Jean de Mandeville também descreve povos cujas crenças são desvios da sua própria, para ele, a verdadeira. Jean de Mandeville escreve sobre as crenças muçulmanas, que considera, ao mesmo tempo, falsas e próximas das verdades cristãs. No Tibete,

“Quando o pai morre, volta então o filho para casa com os amigos e lhes oferece uma grande festa... O filho cozinha a cabeça do pai e divide a carne entre os melhores amigos. Do escalpo, faz

<sup>178</sup> *Idem. Ibidem.* p. 48.

<sup>179</sup> *Idem. Ibidem.* p. 59.

<sup>180</sup> *Idem. Ibidem.* p. 59.

<sup>181</sup> Stefén GREENBLATT. *Op. Cit.* p. 61.

uma caneca pela qual bebe o resto da vida em lembrança do pai”.<sup>182</sup>

Mandeville vê aí um paralelo entre o canibalismo oriental e a prática litúrgica cristã de transformar o pão e o vinho em corpo e sangue de Cristo e ingeri-los na cerimônia da Eucaristia.

“É por tudo isso, dado que se aproximam muito de nossa fé neste e em vários outros pontos, parece que com mais rapidez e facilidade seriam convertidos à nossa lei por meio de pregação e ensinamento dos cristãos”.<sup>183</sup>

“As gentes que se encontram são ao mesmo tempo radicalmente, mesmo horrivelmente diferentes dele e, de modo misterioso, parecidas com ele”.<sup>184</sup> Os nômadas, habitantes da Numídia, na África, “quanto mais pretos são, mais belos se acham. E asseguram que, se fossem pintar um anjo e um diabo, pintariam o anjo preto e o diabo branco”. Marco Polo, em seu *O Livro de Marco Polo*, também escreveu sobre Malabar, na Ásia:

“Na província de ‘Meabar’ (Malabar) os idólatras ‘mandam retratar e pintar todos os seus deuses e ídolos em negro e os diabos em branco como neve, pois dizem que Deus e todos os santos são negros... e dos diabos dizem serem todos brancos’. Ora, para o cristão, o negro é a cor diabólica, lembra a impureza do pecado, enquanto o branco é a cor da pureza, da transparência da alma, portanto da santidade”.<sup>185</sup>

No final de sua peregrinação, Jean de Mandeville abandona “o sonho de um centro sagrado para o qual todos os caminhos convergem”<sup>186</sup>, mas segue viagem em direção “da diversidade, da diferença, da fantástica variedade de ‘coisas maravilhosas’”.<sup>187</sup>

“Até aqui falei da Terra Santa e dos países em derredor, bem como aos muitos caminhos que lá vão ter, ao Monte Sinai, à Babilônia e a outros lugares, dos quais tratei anteriormente. Quero agora avançar mais e falar dos diversos países e ilhas que se situam para além da Terra Santa. Pois existem inúmeros reinos, terras e ilhas na direção da parte oriental do mundo, habitadas por povos e

<sup>182</sup> Stefen GREENBLATT. *Op. Cit.* p. 67.

<sup>183</sup> *Idem. Ibidem.* p. 49.

<sup>184</sup> *Idem. Ibidem.* p. 66.

<sup>185</sup> Claude KAPPLER. *Op. Cit.* p. 64.

<sup>186</sup> Stefen GREENBLATT. *Op. Cit.* p. 49.

<sup>187</sup> *Idem. Ibidem.* p. 50.

raças de animais diferentes, assim como várias outras coisas maravilhosas”.<sup>188</sup>

---

<sup>188</sup> Stefen Greenblatt. *Op. Cit.* p. 49.